

## Comunicação, Futebol e Cultura Carioca: a integração por meio de rivalidades<sup>1</sup>

**Ronaldo Helal** - Professor do Departamento de Teoria da Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Uerj; Pós-Doutor em Ciências Sociais pela *Universidad de Buenos Aires*; Doutor em Sociologia pela *New York University*; pesquisador do CNPq; coautor de *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*, Eduerj, 2011 e de *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*; autor de *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Editora Vozes, 1997 e de *O Que É Sociologia do Esporte*, Editora Brasiliense, 1990.

**Édison Gastaldo** - Professor Adjunto do Departamento de Letras e Comunicação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ; Doutor em Multimeios pela Unicamp; pesquisador do CNPq; coautor de *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*, Intertexto, 2006; autor de *Pátria, Chuteiras e Propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*, AnnaBlume/Unisinos, 2002 e de *Publicidade e Sociedade: uma perspectiva antropológica*, Editora Sulina, 2012.

### 1 - Introdução

O futebol é uma das principais fontes de identidade cultural do Brasil. Capaz de mobilizar e atrair em torno de si milhões de pessoas seja nos estádios, ruas ou bares, o futebol pode ser entendido como uma das formas culturais que promove a integração do país, fazendo com que a sociedade encontre um sentido de totalidade. É neste universo que observamos, frequentemente, indivíduos de diferentes classes sociais, raças e credos se transformarem em “iguais” – ainda que temporariamente - por meio de um sistema de comunicação que os levam a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, bares, praias, escritórios etc.

Neste ensaio, pretendemos tecer alguns comentários sobre o significado sociocultural do futebol na cultura brasileira - particularmente a carioca - que podem nos ajudar a compreender melhor o sentido e a importância das manifestações deste fenômeno no espaço urbano. Ele está dividido em duas partes. Na primeira parte apresentamos, em linhas gerais, os principais aspectos da singularidade e do sentido de coletividade que o futebol nos proporciona. Na segunda parte, tendo como fonte de análise algumas passagens do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, tecemos alguns comentários sobre a forma

---

<sup>1</sup>Uma versão preliminar deste artigo, com o título “Futebol, Cultura e Cidade”, foi publicada sob a autoria de Ronaldo Helal na *Revista Logos* v. 5, p. 5-7, 1997. Passados 15 anos nos propomos a atualizar algumas questões bem como refinar alguns dos argumentos apresentados.

como as manifestações oriundas deste esporte atuam no espaço urbano carioca contribuindo para a formação do *ethos* cultural da cidade.

## **2 - Futebol, Etnocentrismo e Coletividade**

Grupos sociais distintos convivem em uma grande metrópole compartilhando espaços e atividades comuns. Esta convivência, muitas vezes inevitável na formação de uma cidade, nem sempre é pacífica. Na verdade, as “nações novas” – como é o caso do Brasil – experimentam, com frequência, dificuldades de integração oriundas de conflitos gerados pela diversidade étnica, regional e cultural. A cidade, espaço habitado por seres de diferentes regiões e, muitas vezes, por grupos étnicos vindos de outras nações, pode se transformar um palco de disputa por poder, prestígio e status social.

O antropólogo Clifford Geertz (1973), por exemplo, já alertava para a tensão cada vez mais crescente que as “nações novas” experimentavam pelo fato de que o “sentido de pertencer” das pessoas que migravam para as grandes cidades continuava ligado a aspectos relacionados à consanguinidade, raça, idioma, região, tradição e religião – o qual ele chamou de “sentimentos primordiais” – enquanto que a formação de um estado soberano como um instrumento positivo para a realização de objetivos comuns exigia outro “sentido de pertencer” baseado na noção de nação – o qual denominou de “sentimentos civis”.

Ainda segundo Geertz (1973: 261), em qualquer nação do mundo podemos presenciar a existência de vários tipos de “lealdades competitivas” baseadas em laços vinculados à classe, partido, negócios ou profissão. Porém, em uma “nação nova” temos além destes tipos de “lealdades competitivas” aqueles vinculados aos laços dos “sentimentos primordiais”, o que estimula ainda mais o etnocentrismo e dificulta a consolidação dos “sentimentos civis”. Porém, Geertz, ao contrário de muitos acadêmicos, não considera os sentimentos primordiais como inexoravelmente retrógrados. Segundo ele, estes sentimentos são essenciais e devem ser publicamente reconhecidos. Ao invés de entender estes sentimentos somente por uma via que os considera um obstáculo à modernização, Geertz acha que estes sentimentos podem ser “controlados” para ajudarem na formação do estado soberano, já que são fáceis de mobilizar porque são evidentes e poderosos.

O Brasil é um país marcado por uma diversidade cultural e regional muito grande. A cidade do Rio de Janeiro, composta por uma legião de imigrantes vindos de várias partes do mundo e, principalmente, do próprio país, forma um palco privilegiado para a exacerbação destes conflitos e, neste sentido, o futebol tem uma importância crucial para o sentido de

coletividade ao estimular as diferenças e rivalidades entre grupos sociais distintos ao mesmo tempo em que os integra. Senão vejamos.

A socióloga Janet Lever (1983), seguindo o raciocínio de Geertz, realizou, décadas atrás - um estudo sobre o futebol brasileiro com o intuito de demonstrar que o esporte de massa – no caso, o futebol – pode representar “um mecanismo alternativo para o aproveitamento das identidades primordiais com o objetivo de desenvolver a unidade política e a fidelidade ao moderno estado civil” (Lever, 1983:27). Partindo de uma perspectiva genérica, o raciocínio de Lever utiliza-se das representações sociais que emanam dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro para demonstrar como o universo do futebol potencializa as rivalidades entre grupos distintos, ao mesmo tempo em que os integra em uma ordem social comum. Assim, enquanto o Flamengo estaria representando a classe trabalhadora, o Fluminense seria a representação da elite aristocrática, o Botafogo, a burguesia ascendente – ou os “novos ricos” – e o Vasco da Gama, os imigrantes portugueses. Em que pesem o exagero e a imprecisão destas generalizações, o passado histórico e os símbolos populares destes clubes nos remetem, de fato, às representações analisadas por Lever.

Como o esporte é, em última instância, a “luta pelo amor à luta”, o conflito que regula qualquer competição esportiva possui um caráter singular que simultaneamente demarca e harmoniza as diferenças. Em outra ocasião, um dos autores (Helal, 1990:66) demonstrou como, no esporte, “o conflito é não somente desejado, como também um fim em si mesmo, um objetivo a ser constantemente buscado e preservado”. Aqui, um oponente só existe em função do outro e quanto maior a sua força, maior o conflito e mais empolgante a competição. Assim, os times de futebol “existem para serem rivais, cientes de que a rivalidade é inerente ao esporte e que, por isso mesmo, eles não devem nunca levá-la às últimas conseqüências, eliminando um oponente, pois isto representaria, certamente, o fim do drama esportivo” (Helal, 1990: 67). Nessa linha de raciocínio, Lever (1983: 27) sentencia:

A capacidade paradoxal do esporte de reforçar as divisões sociais, ao mesmo tempo em que as transcendem, faz com que o futebol, o mais popular esporte do Brasil, se torne o meio perfeito de alcançar uma união mais perfeita entre grupos múltiplos. Os clubes de futebol locais publicamente sancionam e exprimem os mais profundos sentimentos da sociedade, enquanto o sucesso fenomenal da seleção nacional acentuou o orgulho de todos os brasileiros em sua cidadania.

Apesar das controversas imbricações das organizações que regulam a prática deste esporte (federações, clubes, tribunais de justiça desportiva, etc.) com as esferas da política, da mídia e da economia, há um amplo espaço de apropriação destes fatos sociais na vida cotidiana. Por exemplo, a maior parte dos torcedores nada possui de seu clube do

coração – carteirinha de sócio, camiseta “oficial”, cadeira cativa, etc – que não seja o vínculo afetivo voluntário. Vincular-se a um “time do coração” é, no Brasil, uma escolha importante, frequentemente mediada por relações familiares – particularmente, sob um viés de patrilinearidade –, e que inscreve o torcedor em um complexo sistema de classificações, que estabelece aliados e adversários instantaneamente, articulando lógicas identitárias em âmbito local, regional, nacional e internacional. Os fatos do jogo operam como índices de superioridade momentânea entre pares relacionais de jocosidade. A cada rodada de um campeonato – e sempre há um campeonato ou torneio em andamento – as relações de força entre as equipes se alteram, motivando um circuito de sociabilidade cotidiana. O futebol, desta forma, fornece, em nossa sociedade local, a oportunidade para que se coloquem em ação formas competitivas de sociabilidade. Certamente, este esporte não é a única via de manifestação da competitividade, embora ele contenha em sua natureza todos os elementos necessários para que se ponha socialmente em disputa os quesitos mais diversos.

Sendo assim, no caso do Rio de Janeiro, os grandes clubes de futebol potencializariam os sentimentos primordiais, no sentido de Geertz, – ao exprimirem “os mais profundos sentimentos da sociedade” – e ao mesmo tempo promoveriam a consolidação dos sentimentos civis, já que em uma competição todos se unem em torno do que se convencionou chamar de “comunidade futebolística”. Nesta união estariam metaforicamente integrados e harmonizados os sentimentos primordiais que permeiam a vida social da cidade. E, apesar de muitas vezes a rivalidade entre os clubes da mesma cidade superar a que existe entre os estados, em partidas da seleção a maioria tende a deixar de lado as rivalidades tradicionais locais para torcer para a representação do país. A cada quatro anos, a participação do futebol na sociabilidade cotidiana se radicaliza: a realização de uma Copa do Mundo não apenas invade todas as editorias dos jornais, mas também os anúncios publicitários, as vitrines, ruas, casas e edifícios<sup>2</sup>. Em dias de jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo, vive-se no país um fenômeno que poderia ser descrito como um “fato social total”, um período liminar em que, durante duas horas, “o Brasil” disputa seu “lugar entre as nações” – ainda que se trate apenas de um jogo de futebol. Tragédias e glórias, mitos e tradições: uma Copa do Mundo representa e atualiza, em grau superlativo, o campo simbólico da identidade nacional, a lógica do “ser brasileiro”, com mais intensidade e participação afetiva do que qualquer 7 de setembro (supostamente, a data oficial para a celebração da nacionalidade) com seus desfiles de soldados e carros de combate. Não foi à

toa que o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues definiu a seleção brasileira como “a pátria de chuteiras”, metáfora esclarecedora sobre os sentimentos que permeiam a nação em partidas da seleção nacional<sup>3</sup>.

### 3 - Futebol e Cidade

Devido à sua abrangência, informalidade e intensas dramatizações que ocorrem durante as suas manifestações coletivas, o futebol pode ser visto como uma porta de entrada privilegiada para se compreender o *ethos* cultural da sociedade carioca. O livro *O Negro no Futebol Brasileiro* escrito em 1947 (com segunda edição ampliada em 1964) por Mário Filho, considerado um clássico da literatura futebolística no país, registra de forma pormenorizada a formação e o desenvolvimento do futebol no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, e nos fornece um expressivo material para compreendermos a importância das manifestações oriundas deste esporte para a formação da nossa cultura<sup>4</sup>.

No início do século, por exemplo, apesar de considerado elitista e praticado, em sua maioria, pelos filhos da “alta sociedade”, o futebol, segundo Filho, já demonstrava a sua influência nos hábitos culturais da cidade ao demarcar espaços físicos e distanciamento social.

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro o campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral. Tal qual num baile, numa festinha, num arrasta-pé, os pares dançando. Gente dentro da sala, olhando, gente fora da sala, espreitando, gente fora de casa, na rua, o sereno, espiando. A geral não era o sereno, era a cozinha, a copa, o quintal. Mais para dentro, quase para fora. O sereno era o morro, que se cobria de curiosos sem dez tostões para comprar uma geral, e que só viam pedaços de jogo. Metade do campo, um gol lá embaixo, no fundo, os jogadores pequeninos. (Mário Filho, 1964: 19)

Ainda nessa época, o futebol servia como um referencial para os elos de comunicação entre os jovens de “boa família” da cidade. A tradicional missa nas manhãs de domingo era, por exemplo, acompanhada em seguida das partidas de futebol. Nas palavras de Filho:

---

<sup>2</sup>Sobre Copa do Mundo e cotidiano no Brasil, ver Gastaldo (2002) e a coletânea organizada por Gastaldo e Guedes (2006)

<sup>3</sup> Nas últimas décadas, com o processo da globalização em curso, temos observado um declínio da “pátria de chuteiras” no sentido Rodrigueano, na medida em que os torcedores tendem a torcer mais para seus times locais do que para a seleção. Para mais detalhes a respeito ver, por exemplo, Helal (2010) e Helal, Cabo e Silva (2011).

<sup>4</sup>Cabe ressaltar que, em 1999, este livro foi alvo de um debate travado entre Antonio Jorge Soares e Ronaldo Helal e César Gordon. O debate tratava, em última instância, sobre a importância – ou não – do livro de Mário

Acabava a missa, duas filas de rapazes na escada, de cima a baixo, esperando as moças. As moças vinham de chapéu, de vestidos claros, as saias cobrindo o tornozelo, deixando de fora só o sapato, a sombrinha aberta. O homem, metido na bola de papelão, parado, a barriga imensa, anunciando o jogo de logo mais. Era hoje: Fluminense e Botafogo. Os rapazes faziam sinais discretos, as moças acenavam sins mais discretos ainda. Tudo combinado. De tarde havia jogo, os amiguinhos, os namorados se encontrariam na arquibancada do Fluminense. (Mário Filho, idem: 23)

Ainda que de forma romanceada e, talvez, sem comprovação empírica, estas passagens do livro de Filho são plausíveis de terem ocorridos de forma semelhante como nos diz o narrador. Em última instância, elas retratariam certo “clima de época” que pairava na então cidade do Rio de Janeiro.

Várias décadas depois, com a popularização do esporte e a crescente urbanização da cidade do Rio de Janeiro, o futebol se consolidou como um importante referencial de comunicação para a coletividade. De fato, o fascínio exercido pelo futebol sobre os diversos segmentos sociais, transformou este esporte em uma espécie de “idioma comum” na cidade, influenciando nos hábitos e costumes da cidade. Ao invés da tradicional missa nas manhãs de domingo, temos, hoje em dia, a praia, o bar ou o almoço de domingo, seguido da partida de futebol que será tema das principais conversas durante os intervalos de trabalho na segunda-feira seguinte. Conversas estas que são cada vez mais estimuladas pelos meios de comunicação. Desta feita, o futebol terminou por produzir um poderoso sistema de comunicação que gera vínculos sociais – mesmo que temporários – entre indivíduos de diversas classes socioeconômicas.

Além disso, nestas passagens da obra de Mário Filho, fica evidente a relação do fenômeno futebolístico com o processo de construção de uma gramática de espaços e temporalidades na cidade, fundamental para a existência de uma sociedade “enquanto um todo articulado” (DaMatta, 1985:31). Vistos como invenções sociais ou como “categorias sociológicas” basilares para se compreender os códigos de uma cultura, “espaço” e “tempo” são, no futebol, vividos de forma diferenciada da vida cotidiana, o que é frequentemente comum em momentos rituais, extraordinários, revelando, por conseguinte, questões paradigmáticas de uma cultura.

O tempo de qualquer evento esportivo – e não somente o do futebol – é bem diverso do tempo rotineiro. Enquanto este “é medido por meio de dias, horas e minutos (...) num espetáculo esportivo são apenas os segundos que podem contar, sendo então unidades

absolutamente determinativas para o desenrolar e o resultado do cerimonial” (DaMatta, 1985:32). Porém, a forma como cada cultura elabora a sua gramática temporal influencia o tempo destes rituais, ao mesmo tempo em que é influenciada por eles. É revelador perceber, por exemplo, como na sociedade estadunidense, tão preocupada com a utilização e precisão do tempo, um de seus esportes mais populares – o beisebol - não tem um “tempo certo” de duração, invertendo, assim, a noção do tempo ordinário. Além disso, a nossa cultura, tradicionalmente vista como sendo “impontual”, se faz refletir no espetáculo futebolístico com os frequentes “atrasos” das partidas e com as costumeiras “demoras” dos atletas em “cobrar uma falta” ou um “escanteio”, o que já nos prejudicou em alguns jogos internacionais, inclusive de Copas do Mundo<sup>5</sup>. Por outro lado, o tempo do futebol atua no imaginário da coletividade ao criar expressões populares do tipo, “segundo tempo”, “prorrogação”, “fazer cera” etc.

Com relação à gramática espacial, o futebol, além de ter um “espaço próprio” para suas atividades – os estádios, palco de disputa territorial dos torcedores –, atua no “espaço ordinário” da cidade. Se “casa” e “rua” são categoria básicas para compreendermos a cultura brasileira, no sentido de DaMatta (1985), o futebol contribui para o entendimento destas categorias ao demarcar novos espaços, rompendo frequentemente com estas fronteiras.

Neste sentido, Mário Filho (1964:122) ilustra como, antes da era do rádio, os resultados das partidas eram fornecidos pelos bondes da cidade que passavam apinhados de torcedores anunciando a vitória de seu time. Mais adiante, já com o rádio, mas ainda sem a televisão, os carros de praça anunciavam a vitória do Vasco fazendo um “buzinaço” pelas ruas da cidade. Estes seriam exemplos de como os espaços públicos da cidade foram sendo transformados, ainda que por alguns instantes, em espaços privados, intimistas.

Hoje em dia, o mesmo ocorre em dias de grandes jogos. As ruas tornam-se espaços intimistas, com as pessoas comunicando-se entre si em total frenesi. Veículos embandeirados, vozes que saem das janelas dos carros anunciando lealdades ao time de coração do torcedor. De forma lúdica e bem-humorada, os torcedores unem-se nessa rivalidade competindo com bandeiras, entusiasmo e alegria. E, como não poderia deixar de ser, ao término da partida, “carnaval” para um grupo e “funeral” para outro, tal qual no início do século: “Era o Carnaval,

---

tema ver Soares (1998 e 2001) e Helal e Gordon (2001).

<sup>5</sup> Na Copa do Mundo de 1978, por exemplo, a seleção brasileira teve um gol anulado porque o árbitro terminou a partida assim que o então jogador, Nelinho, cobrou o escanteio, após alguns segundos de atraso. Observemos, no entanto, que nas últimas décadas, estes atrasos têm sido menos frequentes, talvez por conta das multas cobradas pelas redes de televisão quando os clubes se atrasam e também por causa de um maior rigor das arbitragens, seguindo o padrão internacional.

a mesma alegria, o mesmo delírio. O Carnaval de um clube só. Um clube fazendo o seu Carnaval, saindo, o outro ficando em casa, de portas trancadas, com se estivesse de luto. De luto num dia de Carnaval” (Filho, idem: 52).

Assim, o futebol promove deslocamentos de atividades de seus “espaços normais”. DaMatta (1985: 50) alerta para o fato de que o espaço público é tradicionalmente visto como algo “perigoso” e que tudo que o representa “é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho...” No entanto, percebemos que as manifestações oriundas do futebol podem transformar as representações deste espaço em algo mais “seguro”, “familiar” e “conhecido”, produzindo uma “atmosfera festiva”. Ao falar de momentos rituais em termos genéricos, DaMatta (idem:53) nos diz ainda que “as festas da rua são carnavalescas e unificam o mundo por meio de uma visão onde rua e casa tornam-se espaços contíguos, reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário”. A “festa do futebol” proporciona esta “magia”, ao inverter por alguns instantes a gramática de espaços e conduta social existente no cotidiano da cidade.

A intensidade das manifestações coletivas oriundas do futebol atinge o ápice no dia da partida final do campeonato, momento em que as ruas da cidade se transformam em um espaço rico em demonstrações e exaltações de caráter lúdico, estimulando um forte sentido de pertencer aos membros da comunidade. Na verdade, a partida final é um grande ritual da cultura da cidade. Neste sentido, Gusfield (in Burke, 1989:30) já colocava que os rituais fazem mais do que refletir a experiência do grupo: “eles criam esta experiência”. Além disso, “ser um membro de uma comunidade é partilhar um nome, uma história e uma consciência mútua”. Ora, o futebol promove esta consciência, especialmente no jogo decisivo. Aqui, exacerbam-se sentimentos mundanos basilares para a organização da vida social como, por exemplo, desejo de vencer, medo da derrota, superação de obstáculos e senso de justiça. Estes sentimentos tornam-se ainda mais exaltados e exacerbados quanto maior tiver sido o equilíbrio entre os times ao longo do campeonato. Afinal de contas, o campeonato pode ser entendido, em termos analíticos, como uma narrativa mimética do ideal de competição na vida diária e, por isso mesmo, ele pode revelar, por meio destas manifestações coletivas, questões relevantes da cultura de um povo. O campeonato tem um “tempo” no qual surgem metáforas da vida social que falam de “igualdade de oportunidades”, “mérito” e “sorte” dos competidores. Se no início temos uma simetria entre os concorrentes, temos sempre, ao final, uma inexorável e “desejável” assimetria (Helal, 1990). Por isso, a partida final se encarrega de proporcionar o desfecho desta narrativa. Talvez tenha sido esta a razão que Mário Filho

(1964:339) fez, de forma exemplar, uma analogia entre uma final de campeonato e um romance policial, ressaltando as semelhanças e diferenças entre ambos: “Há um público, e grande, de decisão. O campeonato, no fim das contas, se resume na decisão. É um romance quase policial. A diferença é que na última página não se descobre o criminoso e sim o herói”.

#### **4 - Considerações Finais**

Visto como um momento especial, separado da vida diária, o futebol exerce uma grande influência nos hábitos culturais da cidade. Além de possuir um papel integralizador - que simultânea e paradoxalmente estimula os sentimentos primordiais e promove os sentimentos civis - o futebol, por meio das suas variadas manifestações coletivas, expressa algumas questões importantes para compreendermos um pouco mais de nós mesmos. O próprio português falado no Brasil, por exemplo, é permeado de expressões retiradas do universo futebolístico, o que, por si só, já revela traços cruciais da penetração deste esporte na formação do nosso *ethos* cultural. As manifestações oriundas deste esporte atuam no espaço urbano demarcando e deslocando espaços e ditando normas sociais ao mesmo tempo em que tomam emprestados de outras manifestações culturais, gestos, danças e coreografias para a produção do espetáculo.

Além disso, a expressão exaltada de sentimentos na presença e na companhia de muitos outros é uma oportunidade singular para os indivíduos. Elias (s.d.:72), em uma análise genérica sobre as formas de dramatizações que emanam de uma partida de futebol, colocou que “na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos.” Percebemos também que nas decisões de campeonato, as expressões destes sentimentos tendem a ser cada vez mais ritmadas e regularizadas em cantos e danças coreográficas elaboradas pelos torcedores, produzindo aquilo que Durkheim (1996:222), em uma análise sobre os rituais religiosos dos aborígenes australianos, chamou de “efervescência coletiva”, estimulando um sentido estético e ritualístico único para aqueles que participam.

O que procuramos mostrar neste ensaio foi a importância do futebol para questões relativas à integração e à formação do *ethos* cultural da cidade. A “rivalidade” entre os clubes “promovendo” a “harmonia” e “união” de segmentos sociais diferenciados e as manifestações coletivas revelando os anseios da comunidade, são aspectos importantes do universo futebolístico que merecem uma investigação mais detalhada e que podem contribuir para os estudos relativos às relações entre cultura popular, modernidade e espaço urbano.

## Referências Bibliográficas

### **DaMatta, Roberto.**

1985 - *A Casa e a Rua* - São Paulo, Brasiliense.

### **Durkheim, Émile.**

1996 - *As Formas Elementares da Vida Religiosa* - São Paulo, Martins Fontes.

### **Elias, Norbert.**

S.D. - “Introdução” - in Elias, Norbert e Dunning, Eric - *A Busca da Excitação* - Lisboa, Difel.

### **Filho, Mário.**

1964 - *O Negro no Futebol Brasileiro* - Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

### **Gastaldo, Édison.**

2002 - *Pátria, Chuteiras e Propaganda – o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: AnnaBlume/São Leopoldo: Unisinos.

### **Gastaldo, Édison e Guedes, Simoni Lahud.** (orgs.)

2006 - *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto.

### **Geertz, Clifford.**

1973 - “The Integrative Revolution: Primordial Sentiments and Civil Politics in the New States” - in *The Interpretation of Cultures* - New York, Basic Books.

### **Gusfield, Joseph R.**

1989 - “Introduction” - in Burke, Kenneth - *On Symbols and Society* - Chicago, The University of Chicago Press.

### **Helal, Ronaldo .**

2010 - “As Novas Fronteiras do ‘País do Futebol’”. *Pesquisa Rio / Faperj*, v. 11, p. 37-40,

### **Helal, Ronaldo.**

1990 - *O Que é Sociologia do Esporte* - São Paulo, Brasiliense.

### **Helal, Ronaldo e Gordon, César.**

2001 - “Sociologia, História e Romance Na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol”. In Helal, Ronaldo; Soares, Antonio Jorge G. e Lovisolo, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad.

### **Helal, Ronaldo; Cabo, Álvaro e Carmelo da Silva.**

2011 - “Pra Frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. In: Ronaldo Helal; Hugo Lovisolo; Antonio Jorge Gonçalves Soares. (Orgs.). *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 189-210.

### **Lever, Janet.**

1983 - *A Loucura do Futebol* – São Paulo, Record.

### **Soares, Antonio Jorge.**

2001 - “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”. In Helal, Ronaldo; Soares, Antonio Jorge G. e Lovisolo, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro, Mauad.

### **Soares, Antonio Jorge**

1998 - *Futebol raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física – Rio de Janeiro